



COMISSÃO ESTADUAL DA

MEMÓRIA

E VERDADE

DOM HELDER CÂMARA

**TRANSCRIÇÃO DA SESSÃO PÚBLICA REALIZADA EM
19/12/2013**

LOCAL : AUDITÓRIO DA ADUFEPE

DEPOENTE: GENIVALDA MELO DA SILVA



Genivalda Melo da Silva

FERNANDO COELHO – A sessão de hoje se destina a ouvirmos o depoimento de Genivalda Melo da Silva, que eu convido para tomar assento aqui na mesa. Os relatores desse caso, conhecido como Massacre da Granja de São Bento, são os companheiros Manoel Moraes, Gilberto Marques e José Áureo. Passo a palavra ao relator Manoel Moraes para que ele dê início ao depoimento.

MANOEL MORAES – Obrigado Dr. Fernando. Em primeiro lugar eu queria agradecer a presença de Genivalda Melo da Silva, pela sua disponibilidade de vir de Natal até aqui, colaborar com a sociedade pernambucana com esse depoimento sobre sua vida, num momento tão precioso, à Comissão da Verdade de Pernambuco, que tem gratidão pela sua disponibilidade e coragem de retomar esse fato do qual a gente vai tratar. Eu sempre digo que eu tenho o privilégio de fazer parte dessa Comissão, composta pela professora Nadja Brayner, pelo Dr. Roberto Franca, que na época foi Secretário de Justiça, Dr. José Áureo, que foi perseguido na Faculdade de Direito pelo 477, pra você ter uma ideia de que esta Comissão é formada por pessoas comprometidas, Nadja foi presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia, o CBA, e portanto nós estamos hoje aqui reunidos, nesse espaço da ADUFEPE, que mais uma vez

nos cede esse auditório para que seja tomado o seu depoimento. Eu peço pra que antes do seu depoimento, você faça sua qualificação, a sua identidade, o seu endereço, por que isso depois vai ser transformado em ata. Genivalda é viúva de José Manoel da Silva, que é um dos mortos no massacre, e através da sua luta ele seria uma testemunha viva de tudo o que aconteceu. E todos nós aqui, em nome da sociedade pernambucana queremos mais uma vez agradecer pela sua coragem e dedicação a essa causa que é sua, mas que também é da sociedade pernambucana, e por isso nós agradecemos. Por favor.

GENIVALDA SILVA – Bom dia a todos, bom dia a mesa composta, o meu nome é Genivalda Melo da Silva, sou conhecida por Geni, eu sou esposa do ex militar José Manoel da Silva, que morreu na Granja do massacre de São Bento, eu resido em Natal, na rua (...?...), 1421, Barro Vermelho. Estou aqui muito nervosa. Por que cada vez que eu tenho que me dirigir a uma comissão da verdade como eu fui pra Brasília, já vim uma outra vez aqui pra Recife, e estou voltando hoje a Recife, um pedaço da minha vida destranca aqui dentro. Foi muito difícil eu ter perdido meu marido na situação em que ele morreu. Morreu como um terrorista perigoso, covarde, bandido, e o maior bandido disso tudo, vocês vão me desculpar, foi o cabo Anselmo, que era o maior amigo. Eu conheci o cabo Anselmo no tempo em que meu marido era militar da Marinha em Natal, e depois eu não tive mais contato com o cabo Anselmo. Vim ter contato com o cabo Anselmo quando eu morava em Toritama e ele chegou com a Soledad lá em casa, em minha casa...

MANOEL MORAES – Quando foi isso?

GENIVALDA SILVA – Meu filho, se você me perguntar a data eu não sei, mas foram poucos meses antes de matarem José Manoel. Então Soledad estava grávida e ele me perguntou se eu conhecia alguém pra fazer um aborto em Soledad. Isso eu digo a vocês de coração, não estou mentindo nem levantando falso ao Anselmo. E eu falei pra ele: “*Anselmo*”, que eu nem sabia que ela era a esposa dele, eu disse “*olhe, jamais, se eu soubesse te indicaria alguém pra fazer um aborto por que só quem tem que tirar a vida de um ser humano é Jesus, e mais ninguém. Por isso eu não lhe ensino*”. E ele saiu com José Manoel, com o meu marido, com Zezinho, e a Soledad ficou dois dias comigo na minha casa. Mas ela era assim, uma pessoa muito calma, falava uma linguagem que eu não entendia quase nada, até que eu gostei da maneira dela, mas ela era assim no canto dela. Eu preparava o almoço ela comia, eu preparava a janta ela comia, mas era uma pessoa assim que não abria a boca pra mim pra comentar nada. Só foi uma coisa que eu perguntei pra ela assim – “Você quer perder realmente seu filho?” Ela balançou a cabeça, disse não, e as lágrimas desceram. Isso, com dois dias o cabo Anselmo apareceu e levou ela lá da minha casa. Eu acho que foi nessa época. Foi já... 72 mesmo. E depois José Manoel apareceu me convidando pra uma viagem de casamento, que eu completaria dez anos de casada em setembro... No mês de novembro... Mas eu estou achando... Por que as datas vão passando, a pessoa vai ficando velha e vai esquecendo. E ele disse – “*Nós vamos pra São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina. Você vai conhecer o Rio Grande do Sul e Santa Catarina*”. Aí eu deixei meus filhos com minha mãe e viajei com José Manoel. Mas isso já era a farsa do cabo Anselmo; nem José sabia nem eu sabia. Aí nós fomos. Passou São Paulo, eu muito sem experiência da vida, que eu era uma garota, tinha vinte e poucos anos, eu disse – “*Ô, José, a gente vai conhecer Rio Grande do Sul e São Paulo, mas a*

gente já passou desses lugares, não já?" Ele disse – "Não, mas a gente vai até o Chile". Eu disse – "Que lugar é esse?" Ele disse – "É um país que eu vou conhecer com você". Fui pra o Chile, cheguei lá eu fiquei dentro de um apartamento, ninguém pergunte de quem era por que eu não sei o nome de ninguém, não vi ninguém, só apareceu lá José, o Zezinho, eu fiquei lá dois dias; a minha alimentação era cream cracker e chá mate e leite moça. Depois ele pegou e nós passamos pra outra cidade, outro lugar que eu achei que era a Argentina, e eu vi umas... Assim, uns homens conversando, e eu não gostei muito da conversa, e quando Zezinho chegou eu disse – "Zezinho", por que ele só saía só, não me levava pra canto nenhum não, e eu disse – "eu ouvi uma conversa de uns homens que estavam conversando aí e eu acho que tem militar do exército nesse meio. E citou seu nome bem direitinho, José Manoel da Silva, seguir Corno". Que é o apelido que eles dão depois da morte dele, não é? Aí ele disse - "A gente vai embora agora." E nós saímos de lá, eu não sei quais cidades que nós passamos, eu sei que a gente não voltou por Recife. Nós chegamos em Toritama, isso com pouco tempo mesmo, a morte dele foi em janeiro, acho que foi assim final de outubro... Aí já foi quando apareceu o carro do INCRA lá em Toritama, a gente não estava sabendo de nada, não é? Eu vim pra Natal com José na sexta feira, que ele vendia os calçados que ele fabricava, e minha mãe falou – "Olha, hoje vocês não vem por que hoje aqui é feriado dos Santos Reis". Aí voltamos pra Toritama e aconteceu um fato muito interessante, que em comissão nenhuma eu falei isso, mas vou falar agora. Quando nós ia voltando, José Manoel da Silva, ele quis me matar dentro do carro. Ele puxou a arma, a minha filha ainda é viva e ela se lembra disso, ela disse – "Painho, você vai matar mainha por quê?" Aí eu acho que ele se arrependeu e não atirou em mim. Aí tinha um (...?...?) no meio da estrada e ele disse – "Eu vou deixar você e minha filha aqui." Eu disse – "Manoel você está ficando doido, é? Eu não sou mulher de cabaré não. Eu sou casada, sou uma mulher de vergonha e respeito, você vai me levar pra casa de volta". Eu, depois dessa morte, eu vim deduzir que alguém já tinha passado algum lance pra ele, por que eu nunca tinha visto ele tão nervoso daquele jeito. Aí quando eu cheguei em Toritama, no sábado de manhã cedinho começaram a passar uns homens esquisitos na porta lá de casa e eu fui... Isso foi no sábado, chegamos de manhã cedo. No domingo de manhã ele comprou um frango e pediu pra eu fazer uma galinha que ele gostava muito, era uma galinha que ele sempre pedia. E eu fui na mercearia de seu Manoel comprar o material que tinha sido alho, cebola... Eu quero que vocês entendam por que eu estou contando isso... Nisso atravessa um moço que estava do outro lado da rua, que tinha assim um casebrezinho que era assim, feito um bar, e ele chegou perto de mim, um rapaz muito alto, muito bonito, de bigode, pegou assim na minha mão e disse – "Você é muito linda." Eu disse – "Me respeite que eu sou uma mulher casada. E respeito é bom e eu gosto." Aí ele olhou a minha mão e disse: - "Mas a sua viuvez tá na porta da sua casa." Eu disse que não gostava de espírito nem de macumbeiro. Peguei o alho e fui embora pra casa. Só que só foi o tempo de eu chegar em casa, eles já estavam com uma corda que eles tinham comprado nessa mercearia dizendo que era pra amarrar o porco e o porco era José Manoel. Então ele saiu, passou pela casa da mãe dele, comeu um pedaço lá de frango, ela chamou pra almoçar lá e ele disse – "Não, eu vou almoçar com Geni por que a gente vai pra um jogo numa cidade próxima". Por que ele era presidente de um time de lá. E quando chegou no posto deram ordem de prisão, amarraram ele, jogaram no carro do INCRA, e levaram. Eu, inocentemente, como ele vendia calçados e não tirava a nota fiscal eu fui com um tio dele pra Natal, pra casa do meu pai pra pedir ajuda a meu pai. Meu pai disse – "Eu não sei quanto é,

mas quanto for, mande me dizer, que eu tiro (...?...) e eu vou pagar a despesa dele e amanhã ele está de volta em casa". Eu voltei no mesmo domingo, já cheguei em Toritama na segunda já de madrugada e quando eu cheguei na minha casa, tinha passado assim um trator. A polícia federal entrou, eles quebraram tudo dentro da minha casa. Olhe, eles rasgaram colchão, eles fizeram miséria dentro da minha casa. Nesse período foi lá minha cunhada e eles disseram que se ela não entregasse o que eles queriam ela ia ser presa também. Ela disse – *"Vocês querem o quê?"* Eles disseram – *"A gente quer um aparelho chamado mimeógrafo"*. Aí minha cunhada chegou e disse – *"Ah, é uma máquina velha, é? Essa máquina velha está aqui na garagem do meu pai. Eu trago agora mesmo"*. Pegou o mimeógrafo, que era muito velho, que Zezinho nem usava ele lá em casa, eu pelo menos nunca vi ele usar, e eles levaram e deixaram minha cunhada em paz. E passou no outro dia, já surgiu a morte dele rasgada na televisão. Passou tudo. E eu fiquei feito uma louca, sem marido, com três filhos pra criar, sem saber os motivos da morte dele, por que eu não sabia nunca que meu marido estava envolvido com esse negócio de Organização. Por que em 64 ele participou do movimento dos marinheiros, eu fui lá aonde ele foi preso, e um coronel do Exército, eu não sei se foi por piedade, eu era uma menina, eu era muito inocente, era policial do exército de um lado e outro e eu não sei até hoje como eles não me metralharam, e quando eu cheguei em frente do Sindicato dos Metalúrgicos eles jogaram bandeira do Brasil, gola de marinheiro, chapéu de marinheiro e eu sem entender nada. E depois Zezinho saiu preso e eu só saí de lá quando ele saiu preso. E essa pessoa do Exército disse – *"Vá pra sua casa, minha filha, que amanhã ou depois seu marido volta"*. E realmente, ele voltou em dois dias, dizendo que tinha dado baixa da Marinha e fomos pra Natal. Em natal ele veio morar na granja de um tio meu, trabalhar na roça com Raimundo José da Costa, e depois nós fomos pra Toritama. Ele trabalhou na construtora Norberto Odebrecht, entendeu? E eu não sabia da vida realmente que ele tinha. Ele nunca foi de chegar pra mim e dizer *"Eu tô mexendo com isso e com aquilo"*. Aí, quando houve a morte, eu fui procurar os meus direitos e fiquei vindo aqui em Recife de dois em dois meses, eu pagava o coveiro, mandei botar uma cruz com o nome dele e o coveiro me falou... Você é testemunha, não é, você lembra que foi lido até um documento (*dirige-se a Roberto Franca*)... aí o coveiro me falou que eles iam queimar os ossos dele. Aí eu fui num barraco lá perto, comprei dois sacos plásticos, dois panos de chão, uma garrafa de álcool, pulei o muro do cemitério e comecei a cavar. O coveiro quando viu ficou doido: - *"A senhora está louca? A senhora não pode fazer isso."* E eu falei – *"Eu posso. Era o meu marido, eu tenho filhos e eu quero levar pra Natal os restos mortais do pai deles. Eu tenho três filhos pra prestar conta da morte do meu marido"*. E isso foi numa carreira muito grande por que ele disse – *"A senhora tenha cuidado por que a polícia está aqui todo dia e a senhora vai me prejudicar"*. E nisso eu enterrei os ossos dele debaixo desse pé de fruta pão, e depois do acontecido a polícia me pegou, eu fui estuprada, (*depoente, muito nervosa, chora*) tive que fazer um aborto, jamais eu teria condições de ter esse filho num estupro de quatro homens, que eles queriam que eu dissesse quem eram os amigos de meu marido, mesmo sabendo do cabo Anselmo eu nunca entreguei ninguém, eu não sabia realmente o que tinha acontecido com eles, só sabia que meu marido tinha morrido num tiroteio. E aí fiquei grávida e nos quatro meses eu tive que abortar esse filho. (*depoente fala chorando, trecho incompreensível*) por que eu não concebia como é que uma mãe podia matar um filho. E eu procurei um padre da minha cidade pra me ajudar e ele não quis me ajudar. Eu não tive ajuda de ninguém. Vim pra cá pra Recife, tinha uma senhora

que morava em Prazeres e me conseguiu uma pessoa pra fazer esse aborto e parei num hospital aí que eu não sei qual foi esse hospital, tinha uma enfermeira que me perguntou – *“Você tem alguma coisa com a Polícia?”* Eu disse que não e ela disse – *“Tem dois policiais aí lhe procurando”*. Aí eu disse – *“Mas meu Jesus, o que é que eu vou fazer?”* e comecei a chorar. Ela disse – *“Saia pelos fundos da maternidade do hospital”*, e eu saí. Fiquei três dias na calçada do Cine São Luiz, ali na Rua da Aurora, e depois eu fiquei sem comer e pedia comida a um e a outro e o povo me chamava de vagabunda, mandavam eu ir trabalhar, e eu sem saber o que fazia da minha vida sem minha família. Aí eu parei no hospital de novo por que eu desmaiei. E quando eu tornei, eu comecei a conversar com uma enfermeira de idade, parecia que era evangélica, ela disse - *“Eu vou te ajudar nessa situação. Eu vou arrumar uma roupa pra você ir pra Natal, vou te dar tua passagem”* E assim mesmo ela fez. Me deu uma roupa, pagou um taxista e mandou ele me levar na Rodoviária e eu fui pra Natal. E fiquei enfrentando esse sofrimento sozinha, podre que ninguém chegava perto de mim, minha mãe ficou feito uma louca, e eu só dizia que eu estava menstruada e chupei limão e aquilo tinha feito muito mal. E a perseguição deles foi muito grande comigo, por que eles me perseguiram até 89. (...?...) até 89 me perseguiram. Botaram um delegado do DOPS pra morar na minha rua, ele até já faleceu, e um dia eu estava lavando roupa e os policiais chegaram na porta lá de casa. Meu pai era cego, já tinha pegado um pedaço de ferro, por que eles iam, todo dia, lá em casa. E eu cheguei pra delegado (trecho incompreensível) que era a polícia federal. Aí eu disse – *“Doutor, já mataram meu marido, já comeram os ossos dele, eu quero que o senhor deixe eu acabar de criar meus três filhos em paz e respeite a idade do meu pai”*. Ele acendeu um botãozinho vermelho e eu disse: - *“Doutor, o senhor pode me castigar, (...?...) polícia federal, lá de Recife, lá no DOPS. Eu não tenho nada a perder, se o senhor quer me matar pode me matar agora, pegue a metralhadora, que eu estou pra tudo”*. Eu sei que ele mandou eu sair, eu bati a porta na casa dele fui embora pra casa. Cheguei em casa eu chorei muito e não quis dizer nada a minha família nem a minha mãe. Quando foi de noite seu Délio (...?...) amigo de meu pai, que trabalhava na polícia federal, ele chegou pro meu pai e disse – *“Seu José, você é meu amigo, você é um homem de muita vergonha, tire sua filha daqui de Natal urgente, por que essa mulher hoje foi tirar (...?...) de Dr. Hugo, que era o delegado do DOPS na época. Tire essa mulher de Natal, ela é louca, ela foi desafiar o delegado dentro da sala dele”*. Aí meu pai perguntou – *“Minha filha, você fez isso?”* E eu disse – *“Fiz papai. Por que eles estavam ainda me perseguindo e eu já não aguento mais. Eu estou feito uma louca, eu não aguento tanta tortura na minha vida”*. E eu sei que esse delegado só saiu de lá depois de 89, mas depois eu soube que ele tinha morrido.

MANOEL MORAES – Como era o nome do delegado?

GENIVALDA SILVA – Era Dr. Hugo. Depois eu vim descobrir tudo isso, da morte de Zezinho, como se passou. Fernando Ferro, deputado federal, foi fazer um comício em Toritama e elogiou o meu marido. Por que na cidade que a gente morava, e a minha filha foi criada lá, nós éramos tratados como terroristas, perigosos, as minhas filhas não tinham o direito de brincar com ninguém. A cidade dizia que meu marido era o terror da cidade. Então Roberto, Beto como é chamado, me procurou. Minha cunhada ligou pra mim e disse – *“Beto quer te conhecer”*. Aí eu fui lá, e ele me conheceu, aí me apresentou à Amparo, foi quando eu conheci

Amparo e contei toda a verdade a ela. Dos ossos que eu roubei que estava enterrado naquele cemitério da Várzea, que ninguém acreditava, e Miguel Arraes na época era o governador e ele me deu um apoio muito grande, todo mundo me apoiou, e eu disse pra Dr. Miguel Arraes - *"Dr. Miguel Arraes, não tem dinheiro no mundo que pague o meu sofrimento, o filho que eu matei, a morte do meu pai e da minha mão, por que meus pais morreram por isso, e eu carrego uma cruz muito pesada nas minhas costas. Mas eu lhe peço de coração, o senhor é governador, e eu quero levar os restos mortais do meu marido pra Toritama, agora já não quero mais pra Natal, é pra Toritama. E quero levar ele com honras militares, com carro do Corpo de Bombeiros, quero os policiais em cima, a bandeira do Brasil"*. E assim eu preparei a cidade inteira, todinha, em três meses, o doutor aí é testemunha disso (novamente dirige-se a Roberto Franca), que na época trabalhava com Miguel Arraes, não era doutor? E eu sei que eu levantei aquela cidade todinha e fiz o traslado do meu marido pra Toritama, eu tenho a fita, eu trouxe aqui, se alguém quiser copiar aqui está ela. E levamos cinco mil pessoas à rua. Deputados, vereadores, senador, prefeito, estudantes. A cidade fechou e eu passei o dia todinho, o senhor lembra disso, eu passei o dia todinho com a urna do meu marido na mão e gritando na cidade todinha que eu estava de peito lavado, com a honra lavada e de alma lavada. Se eu tivesse (...?...) eu era a mulher mais feliz do mundo por que eu limpei a honra e o nome do meu marido. Por que não foi só meu marido que morreu por esse ideal, eu acho que ninguém tem o direito, país nenhum, presidente nenhum, nação nenhuma, ninguém tem direito de tirar a vida de uma pessoa por um ideal. E o ideal do meu marido, depois que eu vim saber era muito bonito e se ele estivesse vivo eu apoiaria mil vezes se precisasse. Então ele queria o quê? Um país melhor, como hoje nós estamos aí, todo mundo vota, nós temos uma nação privilegiada, por aqueles que doaram suas vidas em bem dessa nação. E (...?...) pra que esse livro aqui, o MARINHEIRO SÓ, não fique só entre quatro paredes não. Meu maior desejo doutor, é que esse livro chegue às escolas, chegue à Universidade e o Brasil inteiro saiba o que a ditadura fez. Por que eles foram muito covardes. Eles foram cruéis demais, eles mataram muita gente inocente. Meu marido fazia parte desse grupo, eu creio que a intenção dele era ajudar os mais necessitados. E por que fazer tudo isso? Eles eram donos do mundo? Donos de tudo? Pegam uma mulher inocente, eu sem experiência nenhuma, com 26 anos de idade, quando meu marido morreu eu tinha 26 anos, pra estuprar, pra pintar miséria, e depois eu ainda ser lama e nojo desses homens? Além de ser estuprada, depois fui obrigada a muitas vezes ir pra motel (depoente fala chorando) com eles, pra não perder a vida, pra os meus filhos não morrerem, eu dizia que tinha câncer e eles diziam - *"Vai cancerosa mesmo"*. Nesse depoimento que eu estou falando isso, é um depoimento que eu nunca falei, mas eu disse - *"Senhor, eu tenho que contar a verdade, não foi uma vez nem duas não, foram muitas e eu me sentia a mulher mais nojenta do mundo. Quando eu chegava em casa eu ia tomar banho e eu tinha um nojo tão grande de mim, meu Deus, e saber que eu estava na mão daqueles homens e todos eles eram agentes da polícia federal. E eu ter que me sujeitar aquilo, ser uma mulher bandida, uma prostituta. Isso me doía muito, me doía muito.*

(SESSÃO INTERROMPIDA POR ALGUNS MINUTOS. A DEPOENTE CHORA, MUITO NERVOSA E EMOCIONADA)

GENIVALDA SILVA – Olhe, eu vou precisar de vocês enquanto existir a Comissão da Verdade. (trecho incompreensível) e um recado pro cabo Anselmo: eu não tenho medo dele. Todo mundo tem medo do cabo Anselmo, eu não tenho medo do cabo Anselmo, por que tudo o que ele fez foi covardia. Ele disse num programa de televisão que tudo o que ele tinha feito ele faria outra vez. Então é um ser humano que a gente tem que ter piedade. E eu espero que um dia Deus mova aquele coração de pedra. Ele passou muita coisa na vida dele, por que tem muitas mortes nas costas. Eu não posso perdoar. Só quem pode perdoar é aquele lá de cima. O meu sofrimento todinho eu só agradeço a ele, por que foi ele quem entregou, ele se fazia amigo dos amigos, mas sendo falso. Uma pessoa dessa a gente só pode ter compaixão e misericórdia. Tirar a vida da própria mulher e de seu próprio filho! Por que nesse depoimento da Dra. Mércia, viu o feto dentro d'água. E ele disse na televisão que era da outra, da Pauline, não era dela, de Soledad, mas Soledad estava grávida, eu lhe afirmo, por que ele me procurou na minha casa. Então é assim, é uma coisa que os anos vão passando, eu já vou fazer 70 anos, eu tinha 26, e tem noites sem dormir que eu digo: “*Senhor, só tu pra me botar de pé*”. Por que é muito difícil viver e achar tantas pessoas que morreram inocentes, por que a ditadura matou não só muito militar, mas matou muito estudante, muito professor, quantas pessoas morreram inocentes nessa época, quantos estudantes no começo das suas vidas, quando tiraram a liberdade e os direitos? Eu espero que nunca mais a gente venha a ter uma ditadura militar. Eu espero que o Brasil continue sendo esse país que ele é hoje, eu confio nos governantes desse país, que nunca mais a ditadura vai voltar nesse país, nessa nação, por que eu sou muito sincera com vocês, eu tenho um Deus muito poderoso e grande no céu, mas eu digo todo dia ao meu Deus, eu me levanto todo dia as 4 da manhã e eu oro por todo mundo, por todos vocês, por todas as famílias (trecho incompreensível) se um dia a ditadura voltar não permita Deus eu estar aqui, me leve antes, por que eu não vou ter condições de ver a minha família sofrer o que a minha filha Andrea sofreu, o que Valéria sofreu, que eu tenho um filho militar que eu não posso dizer o nome dele mas que hoje ele serve na Marinha, e só não mataram ele na época por que meu filho não se encontrava no Brasil. Ele estava no exterior, se ele estivesse aqui naquela época ele tinha sido preso pela Marinha. Eu tenho certeza disso. Tudo o que eu fiz, eu fiz pelos meus filhos. Por que a imagem do pai era uma imagem terrível pra eles. (trecho incompreensível) por que quando ele morreu, eu disse que ele tinha morrido de um acidente de carro e menti até o dia desse traslado para Toritama, que o senhor estava lá, não foi doutor? A minha sogra as vezes ia pro muro da casa dela, esperar o filho voltar todo dia e eu sabendo que o meu marido estava morto e não tinha coragem de contar pra ela.

ROBERTO FRANCA – Veja, a senhora tem sido muito enfática em dizer que os policiais que a estupraram foram da polícia federal. É um de lá de Toritama? A senhora tem certeza se eram policiais civis ou federais? Qual é a convicção que a senhora tem?

GENIVALDA SILVA – A convicção que eu tenho é que eles não eram de Toritama. Eu acho que eles eram de Recife pelo sotaque, pela voz que eles falavam eles não eram de Natal.

ROBERTO FRANCA – Ah, isso foi em Natal, não foi em Toritama.

GENIVALDA SILVA – Não, o que aconteceu comigo foi em Natal. O estupro foi em Natal. Eles me botaram uma venda nos olhos e me levaram; eu não sei se era um quartel que eu ia, eu só sei que subia escada e descia escada.

ROBERTO FRANCA – Por que no caso da Granja, foram policiais civis de Pernambuco e de São Paulo que prenderam as pessoas. Eu pergunto por que a senhora diz “policiais federais” e por isso eu pergunto se há certeza que foram federais mesmo.

GENIVALDA SILVA – É, mas na época eu só pensava que era federal, por que na época tudo era a ditadura e a ditadura era federal, era militar. Afirmar eu não posso, nem nome, por que não deu pra ver quem era, por que eles estavam todos mascarados, todos de bigode, de chapéu de couro, dentro do carro e eu fui ameaçada de morte se eu comentasse com alguém da minha família ou se chegasse algum tribunal de jornais, eu podia me preparar que a minha família era toda morta. E um dia desses uma pessoa me fez uma indagação que eu fiquei até assim, constrangida: *“Como é isso? A senhora foi estuprada e não sabe quem foi?”* Eu disse pra ele: *“O senhor devia ter estado no meu lugar.”* Por que como é que eu ia saber? Como é que eu ia denunciar uma pessoa que eu não sei quem foi? Quatro! Quem eram eles? Eu toda a vida deduzo que foram policiais federais por que no tempo era o exército que estava tomando conta de tudo lá em Natal. A polícia federal tomava conta de tudo. Eu só deduzo que era a federal. Ter a certeza, certeza, se eu disser ao senhor eu estou mentindo. Mas eu só julgava que era a federal.

ROBERTO FRANCA – E o carro do INCRA? A senhora falou que foi o carro do INCRA que prendeu...

GENIVALDA SILVA – Não, o carro do INCRA saiu de Toritama com meu marido amarrado dentro do carro do INCRA.

ROBERTO FRANCA – Era de Pernambuco esse INCRA?

GENIVALDA SILVA – Era de Pernambuco. No livro conta, no translado conta, e tem gente que deu depoimento, que estão vivos ainda em Toritama, e que foi no carro do INCRA que ele saiu de Toritama. Eu peço desculpas pela minha emoção, por que eu chorei,

NADJA BRAYNER – Geni, veja, eu queria lhe perguntar uma coisa, por que no livro, quando você narra esse episódio, isso foi nos anos 80 já, não é, você faz uma referência a que eles sempre indagavam a você sobre um dinheiro. Sobre algo que o seu marido saberia. Você poderia falar um pouco sobre isso? Por que como você mesmo falou eles a mantiveram o tempo inteiro vigiada, não é, e não só vigiada mas ameaçada, violentada, quer dizer, o tempo inteiro mantiveram você sob controle, sob vigilância. E permanentemente. Uma violência continuada, a gente sabe que contra as mulheres o estupro é uma forma realmente terrível, a gente vê pelo seu relato, e é uma forma de humilhar a pessoa, desqualificar a pessoa, desmoralizar e deixar você em condições de não reagir. Então eu queria que você lembrasse só uma coisa: O que é que eles queriam com você?

GENIVALDA SILVA – Be, toda a vida que eles estiveram comigo o que eles me perguntavam era sobre os amigos do meu marido, não de dinheiro. O que eu soube, quando eu saí de Toritama e vim pra Natal, que José Manoel tinha uns dólares guardados na casa do pai dele. E esses dólares o tio dele que já faleceu foi quem trocou, foi quem me ajudou na mudança pra Natal. Agora você não me pergunte o valor que eu nunca fui atrás de saber e não sei. Mas eu sei que existiu uma história de uns dólares aí que era guardado na casa do meu sogro e nem minha cunhada sabia. Depois da morte de José Manoel meu sogro abriu o cofre e estavam esses dólares guardados então esse tio dele que já morreu, que era da Aeronáutica, trocou esses dólares, que eram muito pouco, e inclusive teve uma parte que ele deu ao meu irmão, por que quando a polícia levou meu marido levou um carro que meu irmão tinha comprado e Zezinho trabalhava. Ele trabalhava de Toritama pra Caruaru e tinha a fábrica dos calçados. E nesse período que eu ia depor na polícia, no DOPS de Recife, e um dia eu encontrei o meu carro na rua, mas muito acabado. E eu subi e falei com o delegado que eu nem sei quem era lá, ele tinha um nome até interessante, Eu disse: *“Doutor eu vi o carro do meu marido agora. Na garagem aqui do DOPS”*. Aí ele disse: *“Não, foi impressão da senhora”* Eu disse: *“Foi não, doutor”*. Aí eu desci lá em baixo na garagem e o carro estava. E foi num acontecimento desses, o que é muito interessante, eu não posso mentir em nada, eu sou uma mulher de Deus e eu estou aqui pra falar a verdade, que ele pegou minha identidade e disse que a minha identidade era falsa. Eu disse: *“Como que a minha identidade é falsa? Essa identidade eu tirei no posto de Toritama. Essa identidade não pode ser falsa.”* Ele disse: *“Mas sua identidade é falsa.”* Eu disse: *“Bem, doutor, se a minha identidade é falsa o senhor providencie uma aqui pra mim correta. Por que eu não posso andar com uma identidade falsa.”* Mas minha identidade tinha meu nome, tudo direitinho e eles me deram outra identidade. Ela está aqui dentro da bolsa. O senhor pode pegar ali minha bolsa, pra eu mostrar? Ele disse: *“Olhe, não perca essa identidade não, por que se você perder essa identidade você não faz outra mais nunca na sua vida”*. Aí eu disse: *“Por que, doutor?”* – *“Por que quem está lhe dando essa identidade é a polícia de Recife”*. Eu disse: *“Mas por que a polícia de Recife? Por que pensei que identidade se podia tirar em qualquer lugar que precisasse”*. – *“Mas a sua é diferente”* Ele dizia que minha identidade era falsa por que não tinha nada, por que não tinha a pessoa que tinha assinado lá me dando, e eu andei com essa identidade no Brasil inteiro e até pro exterior. E essa identidade eu guardo. Guardo e guardo muito bem, tenho uma identidade da Marinha, que a Marinha me deu, mas essa aí já mandaram eu dar fim mas eu não dou; eu guardo por que isso aí é uma prova, (...?...) vocês estão vendo, aí está tudo registrado direitinho. Então, a história do dinheiro que eu sei é essa. E o tio dele ainda deu um restinho ao meu irmão, pra gente conseguir levar o carro pra Natal, (...?...) nem pro ferro velho prestava.

MANOEL MORAES – Nessa viagem que você fez, você ouviu falar de Onofre Pinto? Nunca teve contato com ele?

GENIVALDA SILVA – Nunca ele falou o nome de ninguém pra mim. Alias, a gente sempre passou por um casal arengueiro... Eu vou dizer, por que meu marido morreu eu não vou dizer que ele era bonzinho, que era um santo... A gente discutia muito por que ele saía muito e eu achava que ele tinha outra mulher e outra casa. A minha briga com ele era por conta de mulher. Mas que ele chegava pra mim pra dizer Fulano, Beltrano, nunca, nunca.

MANOEL MORAES - Ele em algum momento desconfiou do cabo Anselmo?

GENIVALDA SILVA – Não. Pra mim ele não comentou nada. Pra ele cabo Anselmo era o maior amigo dele. O cabo Anselmo sempre foi como Raimundo (...?...) da Costa*. Com (...?...) da Costa* eu tive vários... O Raimundo, ele morou com a gente...

NADJA BRAYNER – Com licença, a gente pode tirar uma cópia da sua identidade?

GENIVALDA SILVA – Pode tirar. O (...?...) da Costa* era amigo, era de Paulista, eu cheguei até a conhecer a esposa dele.

(* refere-se a José Raimundo da Costa utilizando um apelido não compreensível)

MANOEL MORAES – Conhecido por Moisés também, não é? Moisés?

GENIVALDA SILVA – Eu conhecia ele como José Raimundo a Costa. Mas assim, no grupo, ele tem outro nome. Conheci a esposa dele, conheci as filhas, e ela ainda é minha parente, entendeu? Mas ele não falava nada. Nada sobre a organização que eles tinham.

NADJA BRAYNER – Geni, você conheceu Jorge, irmão de Soledad?

GENIVALDA SILVA – Olhe, eu não sabia que era irmão de Soledad. Quando eu ia prestar depoimento no DOPS aí do Recife, eu ia todos os dias. Eu fiquei debaixo de ordens deles. Eu fiquei jogada (...?...) como eu disse a vocês, por que eu não tinha pra onde ir, e um primo de meu marido que era oficial da aeronáutica do Rio, ele hoje já é falecido, ele me botou na casa dele que era... perai... Uma praia bem famosa... Praia de Boa Viagem. Então ele morava lá e disse (trecho incompreensível), só que polícia começou a perseguir ele também eu acho que por isso, por que eu dormia toda noite na casa dele. Então, eu dormia na casa desse menino, prestava depoimento no DOPS e ia pra casa. E eles me seguiam direto, por que você nota quando é vigiada. Na Rodoviária de Caruaru, quando eu vinha pra Recife, eles me seguiam. Desde o dia que eles mataram meu marido até o dia da ditadura acabar, até 79, eu ainda fui perseguida por eles em Natal. Ainda em 79. Isso eu lhe digo com confiança e confirmação. Mas eu vinha todo dia depor nesse DOPS do Recife. Eles me jogavam muita gracinha, muita piada, "É, você tem que andar mais bem vestida, mais bem arrumada, por que aqui a gente não quer ninguém pobre não. Você tem que andar vestida direito". E eu na minha inocência, eu colocava a melhor roupa que tinha em casa pra ir depor no Recife. E não foi só um mês não, eu acho que foi uns três ou quatro meses nessa... Aí foi quando trouxeram esse rapaz, eu pensei que ele até tinha morrido, irmão de Soledad, eu não sabia que ele era o irmão de Soledad; eles trouxeram ele, e o assunto foi esse: que eu conhecia ele de um café no Recife, aonde eles tinham esse ponto de encontro. E eu disse: "Eu nunca conheci esse rapaz na minha vida". E as palavras dele, se ele não deu o depoimento dele, mas as palavras que eu ouvi dele, desse rapaz que era o irmão de Soledad, é que podiam matar ele, mas jamais ele ia condenar uma pessoa inocente, por que ele não me conhecia. Mas eu pensei que ele tinha morrido por que ele levou choque nos ouvidos, nos testículos, no (...?...), e muitos ponta pés ele levou e eu fiquei feito uma louca por que eu cheguei em casa e disse: "Meu Deus, mataram aquele homem de tanto choque." Eu via sangue, e aquilo ali quase me enlouquece. Eu quase morro

por conta das torturas que eu vi. E não foi só aquela tortura não, eu escutei muita tortura ali, naquele porão da ditadura. Eu via muita gente apanhando, eu via muito grito, pedidos de socorro. E muitos eles jogavam (...?...). *"Abra seu olho, viu, se não você vai pra ali. Você vai fazer parte daqueles"*.

MANOEL MORAES – Pelo que você passa, José Manoel tentou sempre lhe preservar, não lhe passando informações que lhe colocassem em risco, mas na análise do corpo foram encontrados cheques. Você tem notícia do que eram aqueles documentos?

GENIVALDA SILVA – Não. Os documentos eram do meu marido, os cheques eram do meu marido, inclusive os cheques dele foram roubados, a conta bancária dele foi roubada, que era em Pernambuco, no banco Estado da Bahia, eu procurei o gerente ele disse: *"Não adianta se meter"*, que eu não procurasse mais saber por que ele não teve nada a ver com isso.

MANOEL MORAES – Você não teve acesso a nada?

GENIVALDA SILVA – Não. Não tive acesso à conta bancária nem aos cheques. E eu sei que eles ficaram com os cheques por que meu marido comerciava calçados que ele mesmo fabricava. Ele fabricava em Toritama e vendia em Caruaru, João Pessoa e Recife. Em Natal também ele vendia e ficou muita gente devendo a ele e eu não tive como receber por que eu não tinha a prova.

MANOEL MORAES – Ele teria sido a pessoa que teria comprado o sítio? Teria essa informação também, de que ele teria ajudado o cabo...

GENIVALDA SILVA – Olhe, a história do sítio, eu só soube que as mortes aconteceram já na época do traslado. E diziam que o sítio era no nome dele, e depois as minhas filhas até diziam: *"Olhe, mãe, se o sítio era no nome do meu pai, então a terra nos pertence"*. Eu disse: *"Eu não quero, não. O que foi do seu pai, que essa ditadura nojenta, cruel, imunda, botou a mão em cima, deixa pra lá. Eu não quero. Mas vocês tem que correr atrás dos bens de vocês"*. Eu não quero. Nunca corri atrás disso e vou lhes dizer: não tem dinheiro no mundo, não tem mega sena, não tem dólar, não tem nada no mundo que faça voltar o meu marido e a paz das minhas filhas e da minha vida todinha. Não tem preço nenhum! Eu recebo uma pensão da Marinha (...?...), mas eu recebo com nojo. Eu recebo essa pensão por que eu sou obrigada a receber. Por que é uma pensão que não é correta, meu marido era bem dizer sub oficial (trecho incompreensível) então é um dinheiro que me faz até mal. Por que se meu marido fosse vivo hoje, não tivesse entrado nessas coisas que ele entrou, não tivesse feito essas coisas que eu não tenho certeza que ele fez, mas dizem que ele fez, meu marido hoje era milionário em Toritama por que ele era um homem de mão cheia, era um homem muito inteligente, então eu não estaria levando a vida que eu estou levando hoje, as minhas filhas não teriam levado a vida que elas levaram, que eu criei minhas filhas com muita honra e muita dignidade. Sou feliz e agradeço a Deus todos os dias pelos filhos que Jesus me deu. Por que eu não tenho nenhum maconheiro, eu não tenho uma ladra, eu não tenho ninguém errado na minha família, por que eu sempre eduquei para o bem. E quando eles vieram descobrir a verdade foi uma decepção muito grande que eles tiveram com o pai deles. Eu disse a eles: *"Não tenham não."* A minha filha, no depoimento no livro, ela fala. Eu dizia: *"Não tenha vergonha do seu pai, não."*

Seu pai foi um herói.” – “Herói? Ele morreu e deixou a gente tudo aí tudo sofrendo, passando (...?...), a senhora sofrendo horrores?” Eu digo que pra mim ele foi um herói. Não é só José Manoel não. Todos aqueles que morreram, que deram sua vida pela liberdade dessa nação pra mim são considerados heróis. Um verdadeiro herói.

MANOEL MORAES – Geni, Evaldo Luís Ferreira, você conheceu?

GENIVALDA SILVA – Conheci não. Olhe, da turma de José Manoel eu só conheci mesmo o cabo Anselmo, o José Raimundo da Costa e Soledad que esteve lá em casa. Desses últimos que morreram na granja São Bento eu não tive... O Jorge, depois, na tortura, que depois eu soube que era irmão de Soledad.

MANOEL MORAES – Você teve contato com Mércia, advogada?

GENIVALDA SILVA - Não, não. Nunca tive contato com ela.

MANOEL MORAES – Naquela época em que você esteve presa, você teve alguém assim que, diante das torturas que você já relatou, alguém que digamos assim, tivesse lhe dado algum apoio, alguém que esteve com você? Você lembra?

GENIVALDA SILVA – Assim, presa numa cela, eu nunca fiquei. Eu só posso dizer que eu fiquei presa por ordem. Todo dia ir depor e voltar. A única pessoa que eu acho que me deu um apoio, foi um tal de Dr. Orlando. Por quê? O atestado de óbito de José Manoel constava INDIGENTE em tudo. E eu disse que ele não era indigente por que tinha pai, tinha mãe, tem mulher e tem filhos e tem renda própria. E eu pra receber a minha pensão do INSS, eu só recebi depois que esse doutor lá da (...?...) ele deu uma declaração que é anotada no atestado de óbito, atrás, se vocês tiverem aí vocês vão ver, que ele botou os números todinhos da documentação e eu reconheci como José Manoel da Silva. Aí eu pude receber a pensão dos meus filhos, levou muito tempo, por que o INSS não me pagava.

MANOEL MORAES – Muito obrigado.

GENIVALDA SILVA – Um minutinho só, doutor, essa foto aqui que ele está passando, essa foto eles me mostraram dentro do DOPS. Eles diziam: *“Olha ele, olha, o teu terrorista. Olha a cara dele como está inchada.”* E eu sofri muito com isso. Foi quando eu vi José Manoel a primeira vez morto. Dentro do DOPS. Eles me mostraram essa foto aí. Era essa foto aí, começou por essa. Mostraram essa, essa, essa... (refere-se às fotos da pasta da Perícia no Local de Ocorrência, realizada pelo IPT/SSP)

(Muitas conversas fora do microfone)

NADJA BRAYNER – Estou solicitando a Genivalda as fitas pra que a gente tire cópia.

ROBERTO FRANCA – A senhora se referiu a uma visita de cabo Anselmo a sua casa, quando ele levou Soledad e pediu a senhora a indicação de uma pessoa pra fazer um aborto. A senhora poderia dar mais detalhes dessa conversa? Como foi que ele chegou lá?

GENIVALDA SILVA – Ele chegou com ela lá em casa e conversou com José Manoel. Só eles dois, o cabo e Soledad chegaram em minha casa...

ROBERTO FRANCA – A senhora se lembra como ele se apresentava? O nome dele?

GENIVALDA SILVA – Ele se apresentava mesmo como cabo Anselmo. Nunca eu conheci ele com outro nome a não ser cabo Anselmo. Por que eu conhecia ele quando ele era solteiro, era da Marinha. Ele nunca me deu outro nome a não ser cabo Anselmo. Zezinho dizia assim: “olhe, cabo Anselmo tá chegando aí, prepare aí um almoço, que foi no dia que ele chegou com Soledad. Aí eu disse, “*Zezinho, tu vais mandar ele almoçar aqui em casa, com essa pessoa que eu nem conheço?*” – “*Tu sabes com quem eu me meto. Faz qualquer coisa aí*”. Eu preparei o almoço e ele nem almoçou, ele saiu com Zezinho sem almoçar e ela ficou comigo lá dois dias, compreendeu? Mas o assunto dele comigo, se tiver uma oportunidade de cara a cara, ele não é homem pra mentir, por que ele foi atrás pra fazer um aborto na mulher dele.

ROBERTO FRANCA – E ele falou isso com a senhora na frente dela?

GENIVALDA SILVA – Falou na frente dela. E falou na frente de Zezinho.

MANOEL MORAES – E ela estava entendendo?

GENIVALDA SILVA – Ela estava entendendo. Por que depois eu cheguei e falei com ela – “*Você tinha coragem de fazer isso? Matar seu próprio filho?*” Aí ela balançou a cabeça (**depoente balança a cabeça negando**) e eu vi as lágrimas descendo. Nesse relatório que ele deu na televisão ele virou a história, dizendo que quem estava grávida era a outra. Mas era Soledad. Isso eu lhe confirmo por que ele foi atrás de mim pra ela fazer esse aborto e era em Caruaru, com uma pessoa que eu não conhecia e eu disse a ele que se eu conhecesse não diria a ele. E depois eu tive que fazer aborto do meu próprio filho por conta dele.

MANOEL MORAES – você ouviu falar de um César, nesse período? Também era um amigo do cabo Anselmo.

GENIVALDA SILVA – Não. Não.

MANOEL MORAES – No levante de marinheiros, quando aconteceu, voltando um pouco, você tinha notícia ou... Por que de certa forma ali já havia dúvidas sobre a infiltração do cabo Anselmo desde aquela época. Você hoje, revendo esses fatos, você lembra de algum tipo de apoio que ele tenha tido?

GENIVALDA SILVA – Não. Por que quando aconteceu aquele negócio do movimento no sindicato dos metalúrgicos, que ele presidia a Associação, Zezinho explicava pra mim, era que o marinheiro não podia casar no civil, tinha que andar de farda (...?...), então o que ele relatava pra mim era isso, Zezinho: “*A nossa briga dentro da Associação dos Marinheiros é pra que a gente possa casar no civil*”. Eu fui casada no civil com meu marido escondido da Marinha, por que não era permitido. Marinheiro não casava. E meu pai só permitiu ele casar comigo na igreja católica de Natal e no civil no Rio de Janeiro. Mas isso eu casei escondido da Marinha, por que não podia. Até o sargento pra cima era casado. Do sargento pra baixo ninguém casava.

Então, o que eu via comentar era assim, que o Anselmo era lutador pra que o marinheiro mudasse a vida dele.

MANOEL MORAES – Quando acontece o golpe, ele se afasta da Marinha? Depois do golpe, não é isso?

GENIVALDA SILVA – José saiu preso nos carros do exército e eu fui embora pra minha casa. Com dois dias Zezinho apareceu e disse: “Olhe, eu vou lhe botar num avião com o menino, que era meu filho, era pequenininho, e ele não gosta nem que eu cite o nome dele por que ele é militar, e eu não quero, pra não prejudicar meu filho que ele está em fim de carreira, e ele não vai pagar por nada que o pai dele fez. Então eu vim pra Natal e com poucos dias ele, José Manoel, chegou em Natal e meu pai falou com um tio meu que já morreu, que era Medeiros, tinha uma granja aqui em Itapissuma, e a gente foi morara nessa granja. Graças a Deus. Lá morou eu, José e Raimundo.

MANOEL MORAES – Essa granja em Itapissuma, você lembra o nome?

GENIVALDA SILVA – Não, não me lembro. Era a granja do meu tio, eu passei pouco tempo lá por que lá foi uma situação muito complicada, por que eles trabalhavam, os dois no gado, e eu cuidava dos porcos, todo dia cuidava do chiqueiro, ainda lavava a roupa da mulher do meu tio toda semana lavava a roupa no rio, com meu filho pequenininho, e eu saí dessa granja...

MANOEL MORAES – A granja era perto do rio?

GENIVALDA SILVA – Era, a granja era bem pertinho do rio. E eu saí dessa granja por um motivo muito sério por que eu só comia feijão e arroz. Feijão macáassar. E eu cheguei lá com 69 e saí com 38 quilos. Não estou aqui pra prejudicar ninguém nem a mulher do meu tio, mas a verdade tem que ser dita. E um dia eu arranquei um inhame pra comer e o morador chamou ela e disse que eu tinha roubado o inhame. Eu disse: “*Eu não sou ladra*”. Tinha uma senhora evangélica que morava em outra granja, e eu fui pedir socorro a ela. Foi quando eu conheci a minha sogra em Toritama. Eu disse a ela que eu queria que ela me arrumasse uma passagem por que eu ia embora da granja naquele dia. Eu não queria encontrar com meu tio, eu não queria fazer desavença entre ele e a mulher dele. Aí ela me deixou na Rodoviária, mais o marido dela, e eu fui bater em Toritama na casa do meu sogro. Eu saí por causa de um inhame que eles disseram que eu roubei. Eu não roubei, eu trabalhava lá na granja. Como é que eu roubei? Eu trabalhava pra sobreviver.

MANOEL MORAES – José Manoel chegou a falar, depois que houve o golpe, ele chegou a falar da resistência, do grupo dos onze, de Brizola, alguma informação?

GENIVALDA SILVA – Não. Nada, nada, nada. José Manoel da Silva, ele foi um túmulo pra mim. Quer dizer, se ele tivesse falado alguma coisa pra mim eu acho que hoje pra mim era até melhor, entendeu? Mas ele era um túmulo, ele não falava nada. Raimundo morou com a gente, Raimundo conheceu a esposa dele lá na granja, casaram, mas depois que ele saiu lá da granja, trabalhou na transportadora do meu tio, na Transportadora Poty, então depois de

muito tempo ele foi pra São Paulo, levou Gisele, ela teve duas filhas lá, e depois disso tudo Gisele desapareceu da minha vida e nunca mais eu encontrei com ela.

MANOEL MORAES – Muito obrigado.

NADJA BRAYNER – Eu queria perguntar se afora essa granja você tem lembrança de outros lugares que você foi com seu marido ou seu marido teria ido aqui em Recife?

GENIVALDA SILVA – Não.

NADJA BRAYNER – Pros lados de Paulista...

GENIVALDA SILVA – Olhe, eu morei em Jordão, eu morei em Paratibe, morei em Paulista, mas assim, a lugares como esse ele nunca me levou. Eu só fiquei sabendo dessa granja depois da morte dele.

NADJA BRAYNER – Veja só, e quando o José Raimundo, que era ex sargento também...

GENIVALDA SILVA – Também. Eles eram muito amigos, eram como irmãos.

NADJA BRAYNER – Quando ele foi morar com vocês, qual foi a justificativa pra ele estar na granja com vocês?

GENIVALDA SILVA – Na granja? A questão de que eles tinham saído da Marinha e dado baixa, a conversa dos dois era essa. Que eles tinham dado baixa e estavam esperando conseguir um emprego com carteira assinada. José Manoel tinha uma carteira, os documentos, ele tinha tudo, entendeu? E quando eu conheci o Raimundo, foi de muito tempo, por que quando eu me casei e morava no Rio de Janeiro, o Raimundo morava com a gente. E um dia eu até peguei uma briga com meu marido, com pouco tempo de casada. Eu disse: *“Olhe, como é que você sai pra trabalhar e deixa um homem desse dormindo dentro de casa sozinho, você é louco?”* Ele ficava num quatinho atrás, por que ele não tinha onde morar e morava com a gente. Ele chamava ele de bicho. Era o nome que Zezinho chamava Raimundo: Bicho. Zezinho disse: *“Geni, você pode passar nua na frente do Bicho que ele é incapaz de mexer com você”*. E ele morou muito tempo com a gente e nunca me faltou com o respeito.

NADJA BRAYNER – Eu vou lhe perguntar mais uma coisa sobre José Raimundo. Quando ele morreu, foi em 71, o que foi que seu marido pensou sobre a morte dele?

GENIVALDA SILVA – Você acredita, por Jesus, que ele não tocou no assunto pra mim? E eu não soube da morte de Raimundo não. Eu vim saber da morte de Raimundo depois que José Manoel foi morto.

NADJA BRAYNER – Você não soube?

GENIVALDA SILVA - Não soube. Não soube da morte dele de jeito nenhum. Eu só soube que Raimundo morreu depois que Zezinho morreu. Foi quando eu vim saber que Raimundo tinha morrido.

NADJA BRAYNER – Só pra ficar bem claro. O seu marido, em nenhum momento, passou pra você qualquer dúvida sobre o comportamento de Anselmo?

GENIVALDA SILVA – Não, de jeito nenhum. Anselmo era um herói. Anselmo era o único que ajeitava os marinheiros.

GENIVALDA SILVA – Por que a gente tem conhecimento através de documentos que o Raimundo era conhecido na VPR, ele integrava a VPR, como Moisés. E ele também foi entregue à polícia pelo Anselmo.

GENIVALDA SILVA – Eu vim saber de tudo isso aí, por que seu Cláudio, meu vizinho que escreveu, ele comprou muitos livros pra poder fazer esse livro aí. Ele adquiriu muita informação sobre mim, mas também adquiriu muito sobre os livros que ele comprou.

ROBERTO FRANCA – A senhora já deu algum depoimento a alguma Comissão da Verdade? Ou em Rio Grande do Norte, ou em Brasília?

GENIVALDA SILVA – Eu dei em Brasília.

ROBERTO FRANCA – Mas na Comissão da Verdade ou na Comissão dos Mortos e Desaparecidos?

GENIVALDA SILVA – Não, na Comissão da Verdade eu fui por que mandaram minha passagem, dizendo que o cabo Anselmo ia estar presente, e eu me preparei muito pra encontrar com ele lá, mas muito mesmo. Fui com gosto de gás me encontrar com Anselmo. Mas ele não foi. Ele mandou um amigo dele.

HENRIQUE MARIANO – Quando foi esse depoimento na Comissão da Verdade?

GENIVALDA SILVA – Eu acho que foi ano passado. Foi logo no começo da Comissão da Verdade, que o presidente era um alto, é Paulo... Um alto, moreno.

MANOEL MORAES – Ah, é Paulo Abrão. Eu acho que foi na Comissão de Anistia.

GENIVALDA SILVA – E o advogado do cabo Anselmo esteve lá. Se você quiser saber desse relatório bem direitinho, Amparo sabe. Por que Amparo teve também lá em Brasília, que eu passei muito mal.

ROBERTO FRANCA – É. Foi na Comissão de Anistia. Faz uns dois anos.

GENIVALDA SILVA – Sim. Foi. Até o cabo Anselmo queria ser anistiado como oficial; pronto, foi isso mesmo. **(olhando a foto do cabo Anselmo)** Desse jeito aqui ele já se apresentou na televisão. Mas está muito mudado. Ele não é o cabo Anselmo que eu conheci não. Ele está muito diferente. Essa aqui está parecido, quando ele era da Marinha. Só que ele usava cabelo assim, de militar, por que ele era militar. Naquela comissão foi que ele pediu a anistia dele como sub oficial, que ele era indigente, que não tinha nome, que levou o advogado e eu disse umas verdades ao advogado dele. Eu disse ao advogado dele que ele devia ser advogado de gente e não de bandido.

HENRIQUE MARIANO - Dona Geni, a senhora tem cópia desse depoimento que a senhora deixou na Comissão de Anistia?

GENIVALDA SILVA – Não tenho, mas lá eles tem. Essa é a cara que ele apareceu na televisão e disse que faria tudo outra vez. Foi na Globo, acho que foi o ultimo programa desses que fizeram, que saiu o cabo Anselmo, que fizeram a história lá de Toritama, não é? Aquele programa que foi o LINHA DIRETA. Foi o ultimo programa da Globo, que foi o caso de José Manoel da Silva.

FERNANDO COELHO – Em nome da Comissão eu quero agradecer (trecho sem microfone, inaudível) sei o quanto é duro você falar, tocar no assunto, rememorar, mas a senhora teve o poder de contagiar todos nós pela revolta com o que aconteceu. (Trecho Incompreensível) e dizer muito obrigado à senhora.

GENIVALDA SILVA – E eu agradeço de coração, se precisar eu virei outras vezes, é duro, é. Se eu disser ao senhor que não é eu estou mentindo, por que mexe naquela ferida, por que essa ferida nunca se acaba, ela é guardada, ela é tapada aqui dentro. É uma coisa que eu tenho aqui dentro e que sempre disse a meus filhos - "*Meus filhos, só façam o bem, nunca façam o mal a ninguém.*" Por que o mal é a parte diabólica e a parte diabólica é com Anselmo. Eu tenho orado e pedido muito a Jesus, que já devia ter levado esse homem, por que eu lhe digo com sinceridade, preso ele não vai ser nunca. Por mais Comissões da Verdade que tenha nessa nação, nesse país, Anselmo não vai ser preso. Por que tem alguém muito forte que protege Anselmo. Isso eu lhe digo com convicção. Eu não tenho medo de dizer isso em lugar nenhum do Brasil, por que se quisessem, já tinham prendido ele há muito tempo. Isso é uma verdade e a gente tem que dizer. Anselmo tem um pano grosso que cobre ele. Quem é eu não sei. Se é civil ou militar. Mas que ele tem uma pessoa que cobre ele, tem. E ele nunca vai chegar cara a cara junto de nós e dizer o que ele fez. Ele não vai. Eu vou morrer, vocês vão morrer, meus filhos vão morrer e eu não vou ver isso não. Se acontecer isso é o maior milagre que Jesus pode fazer na minha vida, é um dia eu ter o prazer de encontra-lo cara a cara pra dizer: "*Anselmo, como você foi covarde*". Eu só quero ter essas palavras pra dizer a ele. E ele vai ter que dar conta das almas que ele levou, das vidas que ele tirou, por que... Matar o próprio filho?

FERNANDO COELHO – Eu queria agradecer a senhora mais uma vez, e quero agradecer a todos a presença. Muito obrigado a todos. Está encerrada a sessão. -----



COMISSÃO ESTADUAL DA

MEMÓRIA

E VERDADE

DOM HELDER CÂMARA
